

D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga

A historia da vida e feitos d'este varão, verdadeiramente illustre, que, tirado da obscuridade do claustro para as arduas funcções do episcopado, logrou alcançar pelo nobre desempenho do seu alto ministerio um nome glorioso, é sobremaneira extensa, e abunda em particularidades, tão instructivas quanto curiosas, para que possamos restringil-a convenientemente, circunscrevendo-nos ás exiguas dimensões que para ella se nos facultam nas paginas d'este semanario.

Deixára de si o venerando prelado, n'um e n'outro hemispherio, brilhantes e saudosas recordações, que lhe asseguram, no correr dos seculos, a estima e veneração devidas aos bemfeitores da humanidade; mas que, para serem dignamente expostas e apreciadas, requerem mais larga escriptura.

Os que, porém, desejarem haver de suas acções amplo e cabal conhecimento, poderão saciar esse desejo. Percorram os dois grossos volumes que, com o titulo de *Memorias*, compoz, ou antes colligiu em singela e desaffectada narrativa, o diligente academico Antonio Caetano do Amaral, tecidos na maior parte de trechos e extractos das cartas familiares escriptas pelo proprio arcebispo: volumes que, apesar de publicados posthumos em 1818 (e não de todo completos, por faltar-lhes o promettido appendice), se tornaram pouco vulgares, e são actualmente muito menos conhecidos do que talvez deveram sel-o, attenta a utilidade real, que na sua lição e consulta encontrariam, se não nos enganâmos, os leitores estudiosos.

D'essas *Memorias*, pois, e de outros escriptos de bem merecido credito, compendiaremos em breves traços o que mais proprio nos pareça para servir de incentivo aos que se propozerem beber mais amplas noticias na fonte que deixâmos indicada.

Ahi se comprehende, disseminada por entre especies variadas, e egualmente ponderaveis a outros respeitos, uma serie de factos importantes e de notavel alcance. Factos que mal podem ser desdenhados, ou ficar escurecidos aos olhos dos que, embora absortos no exame e combinação dos problemas que de mais perto interessam a economia social, conservam, todavia, apego sufficiente ao ninho paterno, para folgarem de reconhecer e prezar os esforços de quem, antecedendo-os, conseguíra resolver, sem maior apparato, algumas d'essas questões complicadas, que tamanho predominio vão ganhando na civilisação hodierna.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O INFANTE D. JOÃO

(DA CHRONICA DE FERNÃO LOPES)

I

A terras da Beira, riba do Côa, tinha el-rei D. Fernando ido caçar; porque por alli havia boas tapadas, abundantes de ursos e javalis.

Levava formoso sequito e apparatoso trem de caça.

Leonor Telles, a formosissima rainha, cavalgava a seu lado, e em roda os principaes da corte. Entre elles ia o infante D. João, primogenito fructo da desditosa Ignez de Castro.

Seguiam-se após os monteiros em grande copia, com sabujos e alãos os mais formosos e anafados, que atroavam os ares com latidos e uivos, correndo ligeiros e contentes.

O ceo azul e esplendido da primavera brilhava com um sol radiante. As arvores rebentavam floridas; para um lado, tapetes de malmequeres e papoilas se desenrolavam na campina; para o outro, moitas cerra-

das de pinheiros, charnecas de tojo e rosmaninho florido e fragrante; os trigos viçosos tremiam eiciando com uma leve brisa; as oliveiras, vestidas de folhas, negrejavam no chão verde de searas; aqui, de uma fonte rebentava um arroio de cristallina agua; ao longe, n'uns comoros que se erguiam, purpureava uma seara de papoilas, e estendia-se um manto de relva estrellado de boninas.

Já soam os gritos, já correm em phrenesi os alãos, já o estrepito do galopar fere os ouvidos, já os gritos dos monteiros e dos caçadores ensurdecem.

Vae no seu maior ardor a caçada!

D. João montava o mais formoso cavallo que a raça do Alemtejo, tão irmã da andaluza, produzíra. Nobre de fórmas, airoso no meneio do collo, no contorno da anca. Os tendões vigorosos sobresaiam-lhe na pelle; a boca espumava mordendo o freio; as ventas levantavam com os sopros grossos rolos de poeira; os olhos chammeavam com ardor e insoffrimento; e todo o corpo, branco de suor e espuma, estremecia e vergava sob os vigorosos joelhos do nobre cavalleiro.

O infante ia na carreira de um javardo.

De repente a fera revira-se sobre o seu inimigo, empina-se, lança as mãos sobre o cavalleiro para o arrebatar da sella; D. João ergue-se sobre o arção dianteiro e foge ao golpe; o javardo arranca o arção trazeiro, leva com elle a aljava da anca do cavallo, e cae redondamente no chão.

Levanta-se, larga a fugir, e D. João a seguil-o.

— *Bravor, Rabez!*... a elle! — assim gritava o infante aos seus queridos alãos, tão queridos, que com elles dormia ás noites, com elles repartia as suas comidas.

E a fera corria, corria n'uma carreira desordenada; de vez em quando revirava a cabeça, e com uma das prezas rasgava o ventre, o pescoço ou as pernas dos cães que mais perto lhe iam no seguimento, e fugia, fugia, correndo sempre.

O infante, perseguindo-o de perto, medía a distancia que a ascuma lhe poderia ganhar; o cavallo ia ferido e sem arção, mas por isso nem ao cavalleiro diminuia o fogo, nem ao cavallo a velocidade.

Depois os cães filaram o porco n'um emmaranhado arvoredo; o infante correu sobre elle, e arremessou a mais vigorosa ascumada que até alli fôra vista entre caçadores.

A ascuma entrou pelos polpões da coxa e saíu pela espadoa.

II

Era o infante D. João grande caçador, não só n'este genero, mas de aves, açores e falcões; e na caça de lebres, coelhos e rapozas.

Era, diziam, o melhor para domar um cavallo, entre todos os cavalleiros de Hespanha; grande justador e torneador; muito amigo de correrias e saltos a cavallo e a pé, por noites de tempestade no inverno, por dias de calma no estio; e, além d'isto, bem proporcionado de corpo e de feições, amigo sincero, agasalhador e generoso.

Affecto extremo o ligava a seu irmão, mestre de Aviz, de maneira que, conforme D. Pedro, seu pae, lhes ordenára, acompanhavam ambos em partidas de caça, comendo, dormindo, vivendo sempre juntos como irmãos os mais amigos e unidos.

III

Aconteceu que o infante se enamorou um dia de D. Maria Telles, irmã da rainha, e viuva de Alvaro Dias de Sousa.

A viuva era formosa, e moça ainda, cheia de elegancia e airosidade, e mui cortez e agasalhadora para com todos; mas em bom porte e seriedade nada havia que lhe lançar em rosto.

D. João amava-a com ardor e desejos extremos.

Propostas que lhe fez foram por ella recusadas, e, ainda que D. Maria tivesse diante dos olhos o que Leonor com el-rei praticára, não lhe consentia o animo deixar-se resvalar em tal caminho.

Combinado que foi, uma noite, estando sua aia presente, recebeu o infante para entre si trocarem mutuas e formaes explicações.

A viuva, que tambem o amava, vendo no casamento um licito meio de alcançar seus desejos, pensava em seduzil-o, decidindo-o a apertar o nó solemne.

Era formosa, já aqui se disse, e, além de formosa, vivaz e intelligente; por isso, esmerou-se em tornar-se mais bella, em ornar o mais faustuosa e seductoramente a sua camara para aquella entrevista.

Chegava o infante, e o innocente laço que lhe fôra armado de todo o prendia.

As graças da sua amada, a distincção e honras com que o tratava, dobravam-lhe no peito o amor.

Ella estava reclinada sobre um estrado com a cabeça mollemente encostada n'uma almofada, e a sala tibiamente allumiada por uma lampada suspensa do tecto; os olhos fulgiam-lhe amorosa e seductoramente; a brancura das mãos, do collo e do rosto constrastava com a do vestido; levemente rosadas eram as faces e os beiços, e uma orla de preciosos dentes lhe ornava a boca.

Nos primeiros instantes só os olhos fallavam; D. João, arrebatado, estava mudo; ella não ousava quebrar o silencio.

Depois disseram que mutuamente se amavam como é possivel amar-se.

Ella confirmou o que já por vezes lhe mandára dizer: que não lograriam seus amorosos desejos sem que religiosamente fossem sanctificados; e, dizendo isto, as lagrimas vinham-lhe aos olhos, e sentidamente soluçava como quem desconfiasse de ver confirmada a sua ventura.

O infante, porém, dominado d'aquelle desejo que todo o siso e prudencia põe de parte, não lhe queria ouvir razões; era todo fogo, todo amor!

Então D. Maria lhe recordou como seu pae se houvera, casando com D. Ignez de Castro, como seu proprio irmão fizera Leonor Telles rainha.

Estas palavras o convenceram, ou, talvez, os invenciveis impulsos que o dominavam.

O infante outorgou, presente Alvaro Dantas, que a recebia por mulher.

Depois os estranhos afastaram-se. D. Maria lançou-se nos braços de seu marido, e mutuamente protestaram eterno amor. Quando já repontava o dia, elle partiu-se ledo, sem que ella ficasse triste.

IV

Como era sabido por mais de um, o segredo d'estes amores não tardou muito que se divulgasse, chegando aos ouvidos del-rei e da rainha.

Era das peiores a nova para Leonor Telles; ella, coração de fera, onde só a ambição tinha logar certo, doeu-se muito da noticia; no espirito del-rei, sincero e bom, pouco influiu.

O infante era geralmente amado do povo, e D. Maria Telles tambem.

El-rei era fraco e doente; e D. Beatriz, a infanta legitima successora do reino, era por muitos alcunhada de filha do conde Andeiro.

Pesava, pois, no animo ambicioso da rainha o futuro que antevia.

Quem lhe diria a ella que, morto el-rei, o povo, negando o throno á sua herdeira, e vendo unidas duas pessoas tão bemquistas, o filho del-rei D. Pedro e sua legitima mulher, os não acclamasse reis?

Este futuro glorioso, que porventura esperava sua

irmã, trazendo como causa necessaria a quéda do seu poder, era um pesadelo que lhe roubava o socego, e estimulava a ambição que a roia e que a matava.

Para ir direita aos seus fins, Leonor Telles não olhava aos meios.

Má, a intriga era a sua arma; cruel, o sangue o seu prazer.

Formou este plano:

Vibrar na alma do infante a sensivel corda da ambição, fazendo-lhe propor o casamento com sua filha, presumptiva herdeira do throno; — matar-lhe o amor por D. Maria Telles, inventando uma calumnia que aos olhos do marido a perdesse.

E assim foi feito.

D. João Tello, irmão da rainha, e do mesmo caracter, tomou sobre si o encargo de desgraçar a outra sua irmã, a mulher do infante.

Em campo a intriga e a falsidade, por um lado seduziram D. João com a fallaz esperança do throno, pelo outro mataram-lhe o amor fazendo-lhe crer que Maria Telles o atraiçoava.

V

— Minha mãe, não sabeis, acaso, o que por toda a corte se diz?

— Assim o tenho ouvido, meu filho, mas não me praz crer tal. É de nobre animo o infante, e nodoa assim não póde manchal-o.

— Pois olhae, olhae, que não é raro ver em nobres peitos a ingratidão mais feia e vil.

— Mal te fica fallares por tal fórma, meu filho, de quem hoje é para ti como pae.

— Longe de mim insultal-o; mas eu vos conto como me determinei a vir aqui dizer-vos o que na corte corre em todas as bocas.

Então o filho de Maria Telles, mestre de *Christus*, contou a sua mãe todas as intrigas que D. Leonor urdia; contou-lhe como D. João Tello influia e dirigia o animo do infante; como, estando a corte a folgar em Alcanhães, o infante D. João Tello e a rainha tinham tido intimos colloquios; como D. João Tello tinha offerecido ao infante uma cota, um bulhão e uma faca, que lhe haviam trazido de Inglaterra, e concluiu:

— Isto tudo, minha mãe, veiu ser confirmado no meu animo pelo que acaba de commigo succeder. Partira o infante de Alcanhães direito, diziam, a Coimbra; para aqui vos vir ver, passára por Thomar, onde eu o convidei a poisar commigo; e elle negou-se ao meu pedido... Dizem que não são bons os intentos que o trazem. Por tudo isto, minha mãe, vinde vós commigo breve, vinde, vinde, em Thomar achareis guarida segura, se não contra a infidelidade do esposo que perdestes, segundo creio, ao menos, talvez, contra a morte!

— Cala-te, filho, cala-te!... não é capaz de tal o infante. Tenho segura a consciencia de que lhe guardei a fé promettida!

E aqui D. Maria, não podendo suster o pranto que lhe vinha rebentando em fortes borbotões, cobriu o rosto com as mãos, e começou a chorar e a soluçar.

— Minha mãe, minha querida mãe!

— Socega, filho, tornou ella, enxugando o pranto; socega, tudo será como Deus quizer! E eu tenho grande confiança n'Elle, que estou innocente, e muito confio tambem na mercê e amor do infante.

— Praza a Deus, minha mãe, que vos não arrependaes de não querer partir commigo!

— Não me arrependerei nunca, meu filho, de não ter fugido como culpada e vil diante de meu marido, que me busca, quando estou innocente e pura!

E n'isto se afastaram: o filho, cheio de tristeza, partiu para Thomar; a mãe, tremente de susto, de incerteza e mágoa, cerrou-se na sua camara a rezar.

Caía então o crepusculo da noite.

VI

Já o firmamento era negro azul, e milhares de estrellas lhe scintillavam no seio.

Uma brisa fresca encrespava as aguas do Mondego, que brandamente sussurravam, brilhando como lhama de prata.

O infante chegára a Coimbra, e com os seus estava junto á margem do rio.

Então lhes confiou qual o motivo que alli o levára, como intentava ir procurar D. Maria para lhe pedir razão dos estranhos boatos que lhe tinham chegado aos ouvidos...

E, concordes, partiram.

VII

A alva aclarava o horisonte quando o infante chegava em frente da casa de D. Maria.

Era a casa cercada por um vergel de larangeiras, e o inebriante perfume das flores embalsamava o ar.

Entraram; nas ante camaras dormiam as criadas, e os aposentos de D. Maria estavam fechados.

Lançaram-se ás portas com furor; os batentes estalaram sob as achas, sob os hombros e punhos d'aquella horda de enfurecidos.

Irromperam, finalmente, na camara.

Era doloroso e triste o espectaculo.

D. Maria erguia-se do leito temerosa e espantada ao ouvir tão singular estrepito!

Só as lampadas que os invasores traziam alumiavam escassamente a camara. Tremiam os fulgores avermelhados, e, ora aqui ora alli, poisavam como osculos de fogo.

Um d'estes reflexos allumiou n'um momento a figura da desditosa dama, que, vendo seu marido, recobrou a voz e exclamou:

— Oh! infante, que vinda! que vinda esta tão estranha!?

— Dissestes, retorquiu o infante espumando de colera, dissestes que eramos casados: á corte, perante o rei, chegou tal brado, que me podia acarretar a morte; se sois minha mulher, então mereceis a morte por me haverdes atraiçoado!

Louco, arrebatado e furioso, lançou-se n'um momento a ella com tanto ardor e com tanta brutalidade como ás feras usava na caça.

— Vejo, respondeu tibia e chorosa, que vindes mal aconselhado; ouvi-me, ouvi-me a sós!...

— Não foi para segredos e mysterios que eu vim aqui!

E assim dizendo, n'um derradeiro accidente de furia brutal, deitou-a por terra, e cravou-lhe no peito o bulhão que João Tello lhe dera.

D. Maria cerrára os olhos para não morrer de pejo e de vergonha; cruzára os braços sobre o seio, e, caíndo mortalmente ferida, murmurava entre pranto com doridas vozes:

— Jesus! Jesus! filho da Virgem, acudi-me!

Os homens de armas do infante fugiam da camara espavoridos; D. João saía tambem com os olhos vendados por uma nuvem de desgraça; e o corpo da infeliz Maria Telles jazia no chão inanimado; os olhos cerrados com a placidez da innocencia; a fronte bella pallida como a cera; o corpo alvo e frio como o marmore; o seio rasgado vomitando borbotões de sangue!

Áquella hora já as damas e criadas tinham acudido; era grande a confusão e grita fóra do palacio, lancinantes os prantos e lamentos lá dentro.

VIII

Receioso del-rei e dos parentes de Maria Telles, o infante fugiu e embrenhou-se com alguns seus affeiçoados pelos fraguedos e mattas da Beira, levando na

caça vida selvatica; de lá indagou do animo del-rei, e soube que não lhe era desfavoravel; pelo que atreveu-se a apparecer na corte, e recebeu perdão.

Perdoado, lembrou as antigas promessas de casamento; mas a rainha, que já tinha logrado o seu intento, que já tinha morto a irmã, que já o tinha desgraçado a elle, sophismou as promessas, embaíu o pretendido genro, e por fim completamente o desenganou, de que nunca viria a alcançar a mão da presumptiva herdeira do throno.

Era um golpe mortal para o infante!

Para subir aonde a sua imaginação ambiciosa o transportára não tinha duvidado passar por cima de um cadaver: assassinára sua mulher; e quando, ainda com o travo do crime na garganta, se preparava para saborear o mel da ambição, achou-se despenhado das alturas onde tinha querido elevar-se; viu-se illudido e escarnecido, réprobo e miseravel!

Foi então que o arrependimento e o remorso o atormentaram; cada vez as graças e as virtudes de Maria Telles lhe tocavam com mais doridas saudades n'alma, cada vez a scena da noite de Coimbra tomava mais medonhas proporções a seus olhos.

Enganado e decaído do real agrado, o infante fugiu á corte, onde não encontrava senão desgostos e humilhações.

Então a sua vida começou a ser uma infeliz cadeia de desventuras; se por momentos a felicidade com seu doirado fulgor lhe apparecia, era para logo se desvanecer, trazendo com o desengano novos e mais pungentes supplicios.

Assim vagueou pelas brenhas e serras da Beira, sempre acossado, sempre perseguido pelo filho de Maria Telles, o mestre da ordem de Christo.

Um dia que o perigo estava imminente, que os seus perseguidores o tinham quasi preso, largou rédeas ao cavallo, e a toda a brida abandonou os seus e buscou abrigo em terras de Hespanha.

Com vária fortuna viveu por lá.

Bem recebido del-rei de Castella, buscou occasião para vingança, quando a guerra se declarou entre este e D. Fernando, entrando em Portugal no exercito inimigo.

Vagou o throno. D. Beatriz, a filha herdeira, era casada com o rei de Castella; levantou-se então em Portugal um partido forte que quiz acclamar o infante, por ser filho legitimo de D. Pedro I, e ter ainda, embora criminoso e desgraçado, symphatias numerosas. Mas no animo de muitos pesava o crime de traição á patria que commettêra, entrando armado contra os seus; e el-rei de Castella, para mais seguro ter aquelle pretendente, que muito podia contrariar os seus intentos, prendeu-o em Toledo, d'onde o infante abdicou os seus direitos no mestre de Aviz.

Depois, a sua vida, dilacerada por tantas penas, foi curta, e morte obscura o livrou de uma existencia de soffrimentos e remorsos.

Este é um dos muitos actos do drama pavoroso que Leonor Telles fez representar em Portugal, durante o seu infausto predominio!

OLIVEIRA MARTINS.

ALCAIDE MÓR

I

O nome e officio de alcaide mór, n'este reino mui antigo, introduziu-se e usou-se em todas as cidades, villas grandes e fortalezas d'elle, desde o tempo que se foi libertando do jugo dos moiros, que tantos annos opprimiram Hespanha [1].

[1] *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram*, etc., por fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, t. I, palavra *Alcaide*.

O nome é *arabe* [1], a significação *capitão*, e o officio *ser cabeça e presidente no ministerio da guerra;* porque a primeira coisa que os reis faziam, em tomando qualquer logar aos moiros, era nomear pessoa de valor [2] e confiança [3], que o governasse [4], vigiasse e defendesse [5].

E como os barbaros que sustentavam as terras fronteiras usavam do nome de alcaides, aquella edade pouca atilada servia-se, tambem, nas suas do nome dos inimigos.

E este perseverou seculos sem nenhuma differença do cargo e nome, mais que na palavra *mór*, a qual se accrescentou para distincção do alcaide *pequeno*, que, nos primeiros tempos, era como substituto ou tenente, e capitão do castello por nomeação e provimento do alcaide mór, para servir em sua ausencia [6].

II

Por alvará de 6 de novembro de 1769 foi extincto este officio, e já o haviam sido os alcaides das sacas de Valença, e todos os mais alcaides móres ou pequenos postos nos extremos do reino, com seus guardas e homens que os acompanhavam, por alvará de 3 de agosto de 1767 [7].

Passaram, desde aquella epocha, as attribuições dos alcaides móres para os governadores das praças e fortalezas, e generaes das provincias, conservando-se, unicamente, o titulo honorifico, ou de rendimento, até á quéda do antigo regimen [8].

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

AMSTERDAM

PALACIO DA INDUSTRIA

A Inglaterra, a França e os Estados Unidos da America tem levantado magnificos e custosos palacios para as suas exposições universaes, tão vastos, que ha cidades que se podiam abrigar sob os seus tectos de cristal. Porém nenhum d'esses edificios póde competir em belleza e elegancia de fórmas, e na riqueza e bom gosto da ornamentação, com o palacio da industria de Amsterdam, embora este seja incomparavelmente mais pequeno. E bem quadra tal sumptuosidade e perfeição ao templo dedicado ao trabalho pelo povo mais laborioso do universo.

Ergue-se este bello edificio nas margens do Amstel [9].

[1] *Vocabulario Portuguez*, etc. Por D. Raphael Bluteau, palavra *Alcaide.—Vestigios da lingua arabica em Portugal*, etc., por fr. João de Sousa, pag. 20.

[2] El-rei D. Affonso V ordenou que os alcaides móres fossem fidalgos de pae e mãe, e que vivessem sempre nos castellos. *Elucidario*, l. cit.

[3] A *fórma das menagens* prestadas pelos alcaides póde ver-se na *Chronica del-rei D. Joao* II, de Ruy de Pina, cap. V.—*Inéditos de Historia Portugueza*, t. II, pag. 19.

[4] O alcaide mór era chefe civil e de guerra, intervindo na administração da justiça, etc.—Sobre suas importantes funcções veja-se o que diz o sr. A. Herculano na sua *Historia de Portugal*, t. III, pag. 84.

[5] Acha-se o seu regimento na *Ordenaçao Affonsina*, l. I, tit. LXII, d'onde passou para a *Manuelina*, l. I, tit. LV, e depois para a *Filippina*, l. I, tit. LXXIV, onde se podem ver quaes eram as suas obrigações, e emolumentos que percebiam, sendo para notar que o alcaide mór de Lisboa, por alvará de 23 de janeiro de 1610, levava as duas terças partes das condemnações dos barregueiros casados, e das mancêbas dos clerigos e frades; e, por outro alvará de 9 de dezembro de 1646, todas as penas de sangue.

[6] *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Martyres*, etc., por fr. Luiz de Sousa, l. III, cap. XXVI.—*Nobiliarchia Portugueza*, etc., por Antonio de Villasboas e Sampaio, cap. XI.—*Alcobaça Illustrada*, etc., por fr. Manuel dos Santos, tit. XV, pag. 433.

[7] *Repertorio Geral ou Indice Alphabetico das leis extravagantes de Portugal*, etc., ordenado pelo desembargador Manuel Fernandes Thomaz, t. I, pag. 35 e 36.

[8] *Memoria Estatistico-Historico-Militar, em que resumidamente se dá noticia da força militar terrestre, que nos primeiros tempos da monarchia portugueza se chamava hoste*, etc., por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto.

[9] O rio Amstel, que dá o nome á cidade de Amsterdam (Amsteldamum), atravessa a mesma cidade, e vae confluir com o rio Zuiderzée.

No dia 7 de setembro de 1858 foi cravada no solo a primeira das duas mil estacas em que assentam os alicerces do palacio. Sobrevindo circunstancias que demoraram ou fizeram caminhar as obras vagarosamente, só em abril de 1860 se collocou a primeira columna de ferro. Celebrou-se este acto com solemnidade, assistindo á funcção el-rei de Hollanda, e sua alteza o principe d'Orange. Principiou-se a assentar o tecto em novembro de 1861, e a cúpula em outubro do anno seguinte. Finalmente, em setembro de 1863 foi inaugurada a gigantesca estatua da Victoria sobre a magestosa cúpula do palacio.

Exceptuando os alicerces, ferro e vidro foram os unicos materiaes empregados n'esta construcção.

Tem de comprimento o edificio 126 metros, e 80 de largura. A cúpula é de fórma elliptica, e compõe-se de duas partes: a primeira com 21 metros de comprimento e 13 de largura, elevando-se a 57 metros acima do solo, e serve de base á segunda, que é mais pequena, pois conta 6 metros de comprimento e 4 de largura.

Nos quatro pontos cardeaes do palacio, e junto da base da cúpula, vêem-se umas esbeltas torres, ou coruchéos, que fazem realçar as fórmas geraes do edi-



Palacio da industria em Amsterdam

ficio, já de si tão graciosas, sem, todavia, o sobrecarregarem de ornatos superfluos.

Quando se pretende enriquecer de ornatos qualquer monumento, são sempre mui difficeis de combinar com esta idéa as regras da arte e as exigencias do bom gosto. Não obstante, o architecto soube vencer todas essas difficuldades, traçando e executando uma obra que é reputada um primor de architectura. Este artista tão distincto, e que tanto honra a terra que lhe serviu de berço, chama-se M. C. Oulshoorn.

Interiormente corresponde o palacio á magestade e belleza que se observa no exterior. Está perfeitamente dividido, com todas as accommodações que taes edificios demandam para as exposições industriaes e artisticas, para concertos e outras festas. E como a Hollanda é um dos paizes onde a cultura das flores se acha mais aperfeiçoada, e onde se encontram importantes estabelecimentos d'este genero de industria, tambem a exposição de plantas tem alli logar reservado.

O maior salão tem de comprimento 114 metros, e de largura 31; e a galeria principal que o cerca conta 6 metros de largura. Junto ao salão ha quatro salas, cada uma com 45 metros de comprimento e 10 de largura; e mais duas para casas de pasto, com 26 metros de comprimento e 8 de largura.

Celebrou-se a inauguração do palacio no dia 16 de agosto de 1864. Não houve exposição geral; apenas se viam dispostos alguns objectos de arte e de industria, como que para dar testimunho da natureza da instituição que se festejava. Porém fez-se a solemnidade com extraordinaria pompa, assistindo ao acto o principe Frederico, tocando escolhidas peças uma orchestra monstro, e havendo brilhantes illuminações e mui vistosos fogos de artificio.

Concorreram á ceremonia e festas da inauguração, dentro do edificio, dez mil pessoas. Nas suas cercanias era immensa a multidão de povo que tomava parte, cheio de enthusiasmo, n'esta funcção eminentemente popular.

O palacio da Industria de Amsterdam deve a sua existencia a M. Sarphati, que conseguiu, á força de diligencias e perseverança com que superou obstaculos de diverso genero, organisar uma sociedade fundadora. O fim a que poz a mira esta patriotica empreza, foi levantar a industria e as artes na Hollanda á altura em que ellas se acham elevadas nos paizes mais adiantados. Por conseguinte, fundou o palacio para n'elle se celebrarem exposições permanentes dos productos da industria e das bellas artes, tanto nacionaes como estrangeiros; procurando d'esse modo excitar a emulação nos fabricantes, artistas, agricultores e officiaes mecanicos.

A experiencia tem já mostrado exuberantemente a benefica e poderosa influencia da emulação nos paizes menos adiantados nos progressos da civilisação. E tambem hoje está geralmente reconhecido, que nenhum meio é mais efficaz para excitar essa emulação do que a livre concurrencia, ou, pelo menos, as exposições industriaes e internacionaes, temporarias ou permanentes. Aquellas tem a vantagem de offerecer a todas as industrias e artes amplo certamen em amplissimo campo; mas estas, embora tenham uma área muito mais restricta, dão um resultado não menos satisfactorio, pois que se por um lado perdem importancia por se lhes resumírem as proporções, ganham-n'a por outro lado, visto apresentarem um estimulo constante.

N'este caso se vae achar em breve a cidade do Porto com o seu palacio de cristal, que, depois da exposição internacional que ha de verificar-se em agosto do corrente anno, ficará servindo, como o de Amsterdam, para a exposição permanente dos productos industriaes e artisticos do paiz e do estrangeiro, que alli se quizerem ostentar. E já sabemos que não lhe hão de faltar os nacionaes, nem os de fóra do reino; por quanto, n'este ultimo sentido, tem sido dirigidos á benemerita Sociedade do Palacio de Cristal Portuense varios pedidos de local por parte de expositores portuguezes e estrangeiros.

A gravura que acompanha este artigo foi copiada de outra publicada pela *Illustração* franceza.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

(OS COMETAS)

(Conclusão. Vid. pag. 85)

VIII

Não é fito meu, nem v. exc. m'o consentirá, estar eu a fazer aqui uma dissertação pedagogica, mais ou menos dilatada, sobre a natureza e movimentos dos cometas, d'essas *nuvens errantes*, segundo a bella expressão de Xenophanes e de Theon de Alexandria.

E porque outro e mui diverso é o meu intuito, passarei de leve sobre muitas theorias que se hão aventado, reunindo apenas, em poucas palavras, os ultimos trabalhos do sr. Faye ácerca da astronomia cometaria.

O sr. Faye, bem conhecido astronomo do observatorio de Paris, depois de aturados estudos e minuciosas observações, chegou a uma nova hypothese, em virtude da qual os cometas estão sujeitos a uma força repulsiva, que reside no sol, e que é analoga á que o calor desenvolve no seio de uma massa gazosa.

A astronomia cometaria andava em grande atrazamento, mórmente se compararmos os seus progressos com os que a astronomia planetaria e estellar hão feito n'este seculo.

Havia interessantes observações; os annaes chinezes são vastissimo repositorio e manancial perenne, aonde os astronomos modernos vão buscar inestimaveis recursos; faltava, porém, e falta acaso ainda, uma theoria scientifica e philosophica, que, a um tempo, ligue os factos, sob o ponto de vista da sua deducção e concatenação, e sirva de fanal a ulteriores pesquizas.

Verdade é que o celebre Eneke aventára a hypothese de um meio resistente, o ether, ou o que quer que seja, e esta hypothese permittia-lhe seguir, com alguma exactidão, o seu cometa triennal; acudia, porém, o sr. Faye, e provava que este meio devia necessariamente de ter um movimento de circulação em volta do sol, d'onde se infere, em fim, que a resistencia que esse meio offerece ao movimento dos cometas depende da sua volocidade relativa.

Mas é claro que o meio, sendo contrario ao movimento no perihelio, favorece-o no aphelio, circunstancias que devem entrar na theoria. Accresce ainda que a variação da densidade do meio é indeterminada, sendo que esta densidade não é constante, segundo testificam muitas observações.

Estes e outros inconvenientes, de não menor peso, levaram o sr. Faye a acceitar uma força que, ao mesmo passo que determinasse a figura dos cometas, explicasse a acceleração do seu movimento. Esta força repulsiva provém da escandescencia do sol. A sua intensidade varía na razão inversa do quadrado das distancias, e depende só da superficie do sol, qualquer que seja a massa d'este astro.

«Estudando as figuras espantosas que os cometas nos apresentam, diz o sr. Faye, contemplando as suas caudas agigantadas, a materia que parece arremessarem para o sol, mas que reverte logo para a cauda, dirão todos mui naturalmente que as coisas tem logar como se o sol exercesse uma acção repulsiva na atmosphera dos cometas.»

Diz logo adiante:

«Qualquer força repulsiva exercida pelo sol e dotada de propagação successiva, como as radiações luminosas ou calorificas, daria duas componentes, uma radial, segundo o raio vector, que une o cometa ao sol, e outra tangencial. Ambas estas forças devem ser independentes da massa do sol...»

Depois de provar que a figura do cometa é symetrica em relação ao plano da orbita, e que os effeitos da força repulsiva dependem da densidade da materia, passa o sr. Faye a mostrar como se formam as caudas e nucleos.

«Se a materia for heterogenea, as caudas podem ser multiplas, posto que sempre fiquem encerradas no plano orbitario. Estas caudas são a principio pouco inclinadas ao raio vector; mas a influencia da força repulsiva, da velocidade e da attracção solar, obriga as substancias da mesma densidade a separarem-se da coma do cometa, para accumularem nas caudas.

«O effeito geral d'esta dispersão faz-se segundo superficies que se alargam cada vez mais.

«O nucleo apresenta do lado do sol abundante emissão de materia, chamada sector luminoso ou coma. Esta materia é invisivelmente repellida, por quanto, depois de haver caminhado para o sol, reverte a formar a cauda. No ponto opposto tem o nucleo outra emissão, menos visivel, cujos bordos comprehendem um espaço obscuro. Do lado do sol, e para além do sector brilhante, o cometa é limitado por uma serie de involucros, que hão sido considerados, sem motivo, como paraboloides embocetados, cujo foco commum seria o nucleo, e em cujo interior desabrochára o sector luminoso, recurvando para traz os bordos ru-

tilantes. Olbers e Bessel explicaram estes phenomenos considerando duas emissões nucleares, em sentidos oppostos. Julgaram que havia uma acção solar que obrigava a emissão dianteira a juntar-se á emissão posterior para formar a cauda. O sr. Roche, estudando mais tarde a figura das camadas do nucleo, concluiu que estas superficies não podiam ser abertas. Quando o cometa se aproxima do sol, as camadas mais afastadas do nucleo abrem-se em dois ramos indefinidos e oppostos, produzindo-se, em fim, duas emissões nuclearias uma para o sol e outra diametralmente opposta. [1]»

Esta difficuldade do sr. Roche foi vencida pelo sr. Faye, o qual diz que as partes mais pesadas das materias emittidas são primeiro levadas para o seio da massa menos densa; obedecendo, porém, á attracção do sol, voltam para traz, e constituem os elementos da segunda cauda.

A coma é explicada, posto que não completamente, combinando o calor solar que determina uma volatilisação com a força repulsiva.

Do rapido esboço que acabo de apresentar, póde v. exc. inferir que a theoria cometaria vae-se aperfeiçoando successivamente, mas d'aqui á perfeição ainda dista muito. Estou que a analyse de Faye póde explicar a formação do jacto, cuja inclinação varía com os cometas, assim como a formação da coma. A theoria da força repulsiva tem alguns pontos fracos; mas já hoje prestou valiosos serviços, os quaes hão de augmentar ainda, sob o impulso vigoroso dos grandes astronomos que andam continuamente rasgando as profundezas do ceo com os potentes telescopios.

IX

É necessario findar esta tarefa, porventura demasiado substanciosa, para quem, como v. exc., é abelha gentil, que folga de saltar de flor em flor, sem curar de saber como se formou o nectar que vae sugando.

E pois que, segundo rezam os preceitos da arte, é força deixar boas ausencias, chamo já em meu soccorro o respeitavel e humoristico Babinet, o qual, em um dos seus mais excellentes livros [2], escreveu este periodo:

«Nas conversações particulares repete-se a cada passo esta lição:«— Meu caro senhor, diz-se que temos mais um cometa. — É verdade minha senhora, um cometa lindissimo, como se não encontra outro nos fastos da astronomia. — O que prediz? — Nada, minha senhora. — E é muito lindo? — Esplendido, e póde vêl-o á vontade se quizer vir ao jardim. — Ah! se elle não faz bem nem mal não vale a pena incommodar-me.» A senhora vae deitar-se. Perguntar-me-hão agora: De que serve a astronomia? Serve para que nos possamos deitar sem temor, até quando ha um cometa soberbo. Não succedia o mesmo ha seiscentos ou trezentos annos.»

Outra anecdota ainda, já que prommetti encerrar assim este trabalho.

Nas gelidas regiões do norte, onde viveram outr'ora os velhos bardos de Ossian, cujas harmonias phantasticas echoam ainda nos basaltos sonoros das Orcades; n'essas regiões hyperboricas em que as torrentes do Arven como que suspiram angustiosas, envoltas nos nevoeiros alvacentos que se levantam de seu madido seio, ha uma lenda poetica e admiravel, que conta assim a formação dos cometas:

Depois de ter creado os mundos que divagam no espaço em volta do sol, assim como os guerreiros sombrios caminham atraz de seu rei; depois de tirar do nada, com a mão omnipotente, todas as maravilhas da natureza; depois de formar o homem, creou Deus a mulher, essa virgem celeste que peregrina sobre a terra, anjo pallido e pensativo, cujos cabellos fluctuam ao vento, como as cordas de harpa mysteriosa que resôa harmonias divinas. Admirado de tanta belleza, e cançado já de tanto trabalhar, Deus resfolegou no empyreo, e o seu bafejar, condensado, transformou-se nos cometas, que páiram nas mais altas regiões.

Tal é a lenda escandinava, lenda cheia de poesia e de intuição sublime.

Após seculos de estudo e de trabalho improbo, a sciencia concluiu o que os velhos bardos haviam adivinhado.

Os cometas são *nadas visiveis;* são o *bafejar divino condensado;* são um acervo de materia cosmica infinitamente rarefeita, através da qual se vêem até as menores estrellas [1].

O ar atmospherico é immensamente mais resistente e denso do que a substancia cometaria.

Continue, pois. v. exc. a viver em socego, que os cometas nunca hão de vir roubar-lhe a vida, por zelosos que andem lá no firmamento das suas tranças magnificas.

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] Eduardo Biot diz que os chinezes já haviam observado, em 837, o facto da opposição das caudas dos cometas ao sol. Seneca já dizia: *Comæ radios solis effugiunt.* Parece, todavia, que as duas caudas, quasi oppostas, uma dirigida ao sol e outra diametralmente opposta, só foram observadas em 1823. As duas caudas, ou os dois ramos da mesma cauda, formavam um angulo de 160°. Segundo Humboldt, este phenomeno excepcional póde ser explicado por certas modificações da polaridade, actuando successivamente, e provocando estas duas correntes de materia nebulosa, que seriam depois continuadas livremente. (*Cosmos.* Trad. francaise de Faye, pag. 115 e 116.)

[2] *Études et lectures sur les sciences d'observation.*

[1] A respeito dos terrores que os cometas inspiravam aos antigos, vid. obras de Arago, a obra supra citada de Babinet, e *l'Astronomie au* XIX.[e] *siècle.* Quem ler essas obras, se por acaso estes artigos não lograrem convencel-o, verá que os cometas não podem causar, não já um cataclismo, mas nem a menor perturbação.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Conclusão. Vid. pag. 84)

XIII

Passaram-se os dois dias seguintes, segunda feira e terça, em novas negociações com os moiros, as quaes só na quarta feira se concluiram. Accordou-se em *que os moiros deixassem ir e embarcar livremente nos navios todos os christãos com seus vestidos sómente, e a elles ficasse o arrayal com armas, cavallos, artilherias e todas as outras coisas, e mais lhes fosse entregue a cidade de Ceuta com todos os moiros captivos que n'ella estivessem, e que ficassem em paz, a qual se obrigou o infante que el-rei désse por mar e por terra a toda a Barbaria por cem annos. Para segurança dos christãos, e que sem contradicção os deixariam ir, daria Salá Ben Salá um seu filho em poder do infante, e por o dito filho de Salá Ben Salá ficariam em refens Pedro de Athaide, João Gomes de Avelar, Ayres da Cunha, e Gomes da Cunha; e para segurança dos moiros que Ceuta com os captivos lhes seriam entregues, se daria como refens em seu poder o infante D. Fernando.*

A condição da entrega do infante D. Fernando em refens, apresentada agora de novo pelos moiros como principal base do tratado, foi o que demorou e difficultou o accordo.

Primeiramente recusou-se o infante D. Henrique a annuir a similhante condição, porque a achava excessivamente aviltante para a coroa de Portugal; e depois, quando se convenceu de que não haveria salvação para os seus sem que se consummasse mais este sacrificio, quiz por força para si a sorte que se destinava para seu irmão.

Houve então uma scena muito tocante entre os dois infantes, que a todos commoveu e arrancou lagrimas. Cedeu, em fim, D. Fernando ante a vontade firme e resoluta d'esse irmão, que juntava a auctoridade de mais velho á de seu general. Mas a esta resolução oppoz-se todo o conselho com tão fortes razões e com tanta energia, que D. Henrique, com bem mágoa do seu coração, teve a seu turno de ceder.

Desde esse momento operou-se uma completa mudança no infante D. Henrique. Aquelle rosto, aonde sempre se viam estampadas a serenidade, a confiança, e essa alegria que tanto convem a um chefe; aquelle rosto aonde os soldados, na hora do infortunio, iam beber uma esperança e buscar alentos, anuviou-se de improviso, como o brilhante dia da primavera se offusca e tolda de repente sob o negro manto da procella.

O tremendo sacrificio a que pretendia sujeitar-se não lhe era imposto sómente pelo amor fraternal. N'esse acto de heroica dedicação era tambem agente um outro pensamento, não menos nobre e generoso, qual o de obstar por todos os modos que a cidade de Ceuta fosse o preço do seu resgate. Quando viu, pois, que lhe arrancavam esta derradeira taboa de salvação, a que se apegára o seu affecto de irmão, e o seu amor da patria, na hora solemne do completo naufragio da sua empreza, sentiu-se esmagado sob o peso descommunal de uma grande responsabilidade moral; porque era quasi unicamente sua toda a temeridade d'este feito, e sua inteiramente, por causa de uma fatal confiança, a falta de providencias e cautelas para o caso de um infortunio como este em que se achavam.

A entrega dos refens deu logar a uma scena tristissima no arrayal christão. O abatimento moral em que estava D. Henrique deu origem a tão pathetica despedida ao separar-se do infante D. Fernando, que parecia que os dois irmãos davam um ao outro o adeus extremo da vida.

No dia seguinte, pela manhã, devia effectuar-se o embarque dos portuguezes. Mas n'essa occasião accommetteram-n'os os moiros com tal sanha, que se viram forçados a permanecer, e defenderem-se dentro dos entrincheiramentos.

O alcaide de Tanger, Salá Ben Salá, mandou desculpar-se d'este procedimento inaudito com a indisciplina dos soldados, offerecendo passagem segura para o mar por pé da couraça. Porém novas violencias da soldadesca sarracena, ou talvez nova traição do alcaide, aguardavam ahi os miseros portuguezes. O infante D. Henrique poz a provas a fidelidade dos arabes, enviando com intervallos pequenas partidas de doentes e feridos. A maior parte d'estes desgraçados foram victimas d'aquelles barbaros.

Apesar da conclusão do tratado e da entrega dos refens, achavam-se outra vez os nossos na dura alternativa de se renderem á tyrannia dos seus crueis inimigos, ou de se deixarem morrer de fome e sêde.

No meio de tamanha afflicção só um unico meio de salvamento se apresentava; e era o mesmo que já tinham começado a pôr em pratica quando o tratado veiu interromper os trabalhos. Decidiu-se, portanto, que se cuidasse por todos os modos, e á custa de quaesquer sacrificios, de aproximar pouco a pouco da praia os entrincheiramentos.

Ao cabo de tres dias de insanas fadigas, de continuados combates, e de atrozes necessidades, as trincheiras tocavam, alfim, na praia. E a armada, que estivera quasi a levantar ferro e partir, julgando a todo o exercito presa do inimigo, apressou-se em enviar a terra todos os seus bateis.

O embarque foi um espectaculo de desolação. Em quanto uma parte da tropa se lançava confusamente nos barcos, poucos e pequenos para accommodarem tantos homens, que pretendiam todos ser os primeiros a salvarem-se, outra parte sustentava o impeto dos moiros, que procuravam estorvar a partida dos christãos. Assim se viu n'um momento juncado de cadaveres o mar e a terra. E os infelizes a quem coube em sorte serem os ultimos a embarcar, ou caíam mortos na praia varados de flechas e cortados do alfange, ou se afogavam arremessando-se ás ondas.

Recolhidos a bordo os que tiveram a boa fortuna de escapar a similhante carnificina, fez-se de vela toda a armada; era um domingo, 20 de outubro de 1437. Tal foi o desgraçado fim da primeira e tão temeraria empreza de Tanger, em que os nossos tiveram, além de grande numero de feridos, quinhentos mortos, perdendo os moiros quatro mil.

XIV

O infante D. Henrique mandou que a armada seguisse o rumo de Portugal, menos o seu navio, ao qual fez pôr a proa em direcção a Ceuta. Envergonhado e extremamente consternado, não se atrevia a apparecer diante del-rei, seu irmão, que de tão mau grado consentíra n'aquella empreza; nem diante de tantos conselheiros esclarecidos e prudentes, que se haviam opposto aos seus desejos. Permaneceu em Ceuta cinco mezes, nos quaes fez toda a qualidade de esforços para tirar do captiveiro o infante D. Fernando. Só voltou á patria depois de baldadas todas as suas tentativas, e perdidas as ultimas esperanças de o salvar.

El-rei D. Duarte teve uma grande paixão com esta catastrophe. Mandou logo offerecer avultadas sommas de oiro pelo resgate do infante, e, assim que soube que os moiros recusavam tudo quanto não fosse a entrega de Ceuta, convocou immediatamente as cortes em Leiria para que ahi se decidisse o que sobre o caso mais cumpria fazer.

As cortes resolveram que se não entregasse Ceuta, e isto mesmo pedia em todas as suas cartas o infeliz e corajoso infante D. Fernando, dizendo que a sua vida era muito menos importante do que aquella praça.

No fim de quasi seis annos de captiveiro, em que padeceu todo o genero de affrontas e maus tratos, sendo constrangido aos mais penosos e grosseiros trabalhos, expirou a 5 de junho de 1443. A constancia, paciencia e resignação com que supportou tão longo e pesado martyrio o fizeram conhecido da posteridade pelo epitheto de *infante santo*.

Passados bastantes annos, reinando seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, foi o seu corpo resgatado e trazido a Lisboa, onde esteve primeiramente no convento das freiras do Salvador, e d'aqui foi levado com grande pompa ao mosteiro da Batalha, fabrica del-rei D. João I, seu pae. O tumulo de D. Fernando está na sumptuosa capella chamada do *fundador*, jazigo d'aquelle soberano e de sua familia, a par dos mausoléos de seus irmãos, os infantes D. Pedro, D. Henrique e D. João.

I. DE VILHENA BARBOSA.

THEMAS CLASSICOS

Entendo que os pretendentes são insensiveis, porque não se pejam do que fazem, nem do que soffrem. Não sentem o trabalho dos caminhos, nem os frios das madrugadas, nem os ardores das calmas; tantas descommodidades dos corpos; tantas incommodidades das almas e das consciencias; e sobre isso tantas affrontas, tantas más respostas, tantos desabrimentos injuriosos: por tudo passam e tudo soffrem, como quem não sente nem se peja.

E sobre tudo isto os empenhos e gastos, até se vender a si proprio um homem para ter effeito a sua pretenção; d'onde Philo disse, que um cortezão despachado se retratára em Joseph vendido.

FR. BALTHASAR PAES.